

Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade.

Maria Thereza Oliveira Azevedo – *Universidade Federal do Mato Grosso*

Resumo: Tomando como referência a poética urbana *Sombras que passeiam*, uma ação do *Coletivo à deriva*, da UFMT ligado ao Grupo de Pesquisa Artes Híbridas Intersecções, contaminações transversalidades, o artigo propõe uma reflexão sobre possíveis processos de subjetivação e singularização engendradas por ações coletivas em territórios inventados por meio da arte. Deleuze e Guattari apoiam a discussão.

Palavras chave: Cidade. Poéticas urbanas. Sombras que passeiam. Coletivo à deriva. Subjetividades.

Abstract: Referring to urban intervention *Sombras que passeiam* a action occurred at UFMT by *Coletivo à deriva* on the Research Group Arts hybrid crosses transversalities, contamination, the article proposes a reflection on the possible processes of subjectivity and singularity generated by actions collective territories invented through art. Deleuze and Guattari support the discussion.

Keywords: City. Poetic urban. Sombras que passeiam. Coletivo á deriva. Subjectivities.

A cidade enquanto um sistema complexo regulado pela produção, pelas relações formalizadas de trabalho e de família, pelos valores de consumo impulsionados pelas mídias, pelas burocracias que às vezes impedem o fluxo das coisas, cria um universo de sociabilidades obrigatórias, cheia de funções, horários e distribuição de tarefas, de regras inventadas para controlar-nos uns aos outros. Isso fortalece em nós uma *subjetividade capitalística*.

As subjetividades para Guattari (2008) são engendradas pelas determinações políticas, éticas, econômicas, tecnológicas, culturais, sociais, pela mídia, pelas instituições. É no conjunto de todos estes subjetivadores misturados e vivenciados que a nossa subjetividade é constituída como um jogo em movimento que lida com uma multiplicidade de instâncias e relações de saber e de poder. Guattari observa que:

O que caracteriza os modos de produção capitalísticos é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são de ordem do capital, das

semióticas monetárias ou dos modos de financiamento. Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação... (GUATTARI, 2008, p.16).

Costa e Magalhães afirmam que “o processo de subjetivação capitalístico efetiva-se, na medida em que o projeto social dominante se apropria e controla os meios de vida, se estabelecendo, se rotinizando”. Para elas isso apoia na fabricação de subjetividades serializadas. E Peter Pal Pelbart diz “a depreciação da vida atinge um grau extremo: esvaziada de suas determinações qualitativas, ela se oferece como matéria bruta para a infinita manipulação calculadora.” Desta forma, ações artísticas na cidade surgem como possibilidades de engendramento de devires singularizadores que nos aproximam da vida.

Sombras que passeiam: desvios de rota.

Desviar das rotas conhecidas e sedimentadas como mapas fixos da cidade pode subverter a geografia calculada e funcionar como um processo de desterritorialização, ou como linha de fuga na tentativa de ensaiar devires e desabrochar potencias criativas de singularização na relação com a cidade. Um exercício de reconfiguração dos modos de estar na cidade, na contramão desta subjetividade capitalística.

Assim, uma das quatro propostas para *intervenção* urbana do projeto de pesquisa em interface com a extensão: *Intervenções artísticas no espaço da Universidade: Ação, reflexão, diálogo e ressignificação* desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso, com o apoio da FAPEMAT, foi um passeio de sombrinhas pelo campus Cuiabá da UFMT.

A proposição decorreu de uma conversa com um grupo de alunos para observação da maneira como viam o espaço do campus Cuiabá da UFMT. Uma aluna do grupo observado disse que para caminhar pelo *campus* era preciso correr de uma arvore para outra, mencionando certo trajeto demarcado pelas arvores do caminho. Assim, imaginei que seria interessante se existissem sombras móveis que protegessem as pessoas do sol e as acompanhassem até o seu destino. Daí surgiu a ação *sombras que passeiam*, um passeio de sombrinhas pelo campus, criando desvios nas costumeiras rotas.

É bom lembrar que a cidade de Cuiabá tem uma temperatura bastante elevada e o clima é muito seco. Muitas vezes é superior a 40 graus e a umidade do ar chega a 12

por cento. Cuiabá já foi chamada “cidade verde” devido ao grande número de árvores principalmente as frondosas mangueiras dos quintais das casas de seus habitantes. Hoje o número de árvores caiu vertiginosamente, por causa das construções, sacrificando o clima da cidade e interferindo nos modos de vida da população, que não anda mais a pé pelas ruas. É de carro e com frequentes idas aos *shoppings* por causa do ar condicionado.

Para o passeio de sombrinhas pelo campus trinta e seis pessoas entre alunos, professores, técnicos e moradores do bairro vizinho da universidade participaram da experiência coletiva que consistiu num simples caminhar juntos de sombrinhas coloridas, pegando atalhos. Neste perambular, surgiram conversas fugazes, comentários sobre folhas caídas no chão, gatos que povoam o campus, passarinhos que gritam mais alto do que os outros. No desvio do caminho principal, que é o caminho determinado pelos muitos carros que passam velozes com uma só pessoa, sem olhar para os lados, paramos para observação dos movimentos cotidianos, às vezes, braços dados debaixo da mesma sombrinha.

Este andar por aí sem roteiro fixo, pode lembrar a *flânerie* de Baudelaire, a figura do vagabundo observador, perambulador. O *flâneur* circulava sem destino pelas ruas de Paris deixando-se encantar com tudo que a compunha, como se a cidade fosse um filme ou uma exposição de arte que instigasse sua curiosidade e proporcionasse certo êxtase estético. Envolver-se numa *flânerie* é envolver-se com a deriva, com o desvio. Mas a ação de passear com as sombrinhas pode também lembrar as *psicogeografias* dos situacionistas que construía mapas afetivos a partir das derivas e da criação de situações.

A Internacional Situacionista (IS) considerada por Mario Perniola como a última vanguarda do século XX foi um movimento de intelectuais e artistas europeus que se constituiu em torno de uma crítica radical ao urbanismo e à cidade contemporânea – transformada em espetáculo e à passividade dos cidadãos reduzidos à condição de espectadores. Os situacionistas faziam uma reivindicação de transformação no cotidiano urbano através da participação e intervenção de seus habitantes.

Estas práticas tinham como princípio uma apropriação do espaço que ultrapassava a lógica da definição de funções. Para os situacionistas, era preciso explorar o espaço e suas possibilidades contrapondo-se à passividade diante dos usos

pré-definidos, decorrentes da estruturação das cidades. Henri Lefébvre, pensador do fenômeno urbano, que foi ligado ao grupo até o início dos anos 60, ressalta a possibilidade de criar situações como uma experiência que é capaz de revelar a cidade.

A cidade dos homens lentos

Milton Santos comenta em *A natureza do espaço* (1996 pag. 260) que “durante séculos acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do mundo. (...) Agora estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos.” Os homens lentos de Santos são aqueles que estão à margem e não participam da correria urbana em busca de “não sei que”, não estão inseridos no mundo dos acelerados do trabalho, dos motorizados das ruas, dos que produzem muito e dos que querem vender mais. Estes deixam marcas das relações de poder nos espaços, marcas que podem ser lidas através das práticas pactuadas com o que é permitido e o que é aprovado. Os homens lentos têm outra maneira de se apropriar da cidade, subvertem o modo permitido e o tempo acelerado a partir das práticas de desvio.

As experiências com intervenções urbanas realizadas neste projeto são exercícios de homens lentos, como em *Sombras que passeiam* em que flanamos de sombrinhas coloridas pelo campus da universidade sem roteiro fixo e por caminhos não traçados, o que nos possibilitou experimentar e descobrir outro espaço e outro tempo diverso daquele que convivemos no cotidiano. Foucault observa que:

Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos numa época em que o mundo se experimenta, acredito menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2006, p. 411)

A cidade, desta maneira, pode ser percebida por meio dessas lógicas de justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso, pois é composta de várias camadas de tempo e camadas de espaço, de utopias e heterotopias. Para Foucault, (2006, p. 413) as utopias são os posicionamentos sem lugar real e as heterotopias são lugares reais, variadas formas de posicionamento que ele os distingue por princípios. Um dos princípios da heterotopia é o poder de justapor em um só lugar

real, vários espaços, vários posicionamentos que são em si incompatíveis. O ralentamento dos movimentos de algumas das ações pode levar à percepção dessas camadas, dessas justaposições, de outros tempos e lugares possíveis. Na intervenção *Lual no Bosque*, por exemplo, um grupo de quase sessenta pessoas se juntou no bosque do campus, que de dia, é um belo lugar de passagem, com sombra e luz filtrada pelas árvores, mas à noite, um escuro e perigoso espaço para quem o atravessa. Inventamos, então, um encontro com lanternas, à noite, ao som de um concerto de percussão com música de câmara. Foi criado um cenário para este encontro que vislumbrou outras possibilidades para este espaço.

Corpografias urbanas

A experiência de caminhar juntos pelo campus com sombrinhas coloridas pode estar sintonizada também com o conceito de *corpografias urbanas* trabalhado por Paola Berenstein Jacques. Para Jacques, uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência na cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta. (JACQUES,) Ela entende que um estudo das relações entre corpo e cidade podem mostrar caminhos alternativos, desvios, linhas de fuga, micropolíticas.

Para Felix Guattari é indispensável o trabalho coletivo dentro do que ele chama de “ecosofia” que é a junção das três ecologias, a social, ambiental e a subjetividade humana: “Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas.” (GUATTARI, 1992, p. 35)

Assim, essas poéticas urbanas estariam dentro desta proposta de ecologia de que fala Guattari, pois é uma prática artística colaborativa e está entre as novas formas criativas de participação social. A intervenção urbana, como situação criada na cidade por coletivos artísticos, interrompe o fluxo da padronização e do estigma, propõe outra forma de olhar e pensar sobre os espaços urbanos; instiga a participação, potencializa a criatividade dos sujeitos envolvidos no processo. Guattari observa que “a organização material das cidades, os personagens do espaço urbano são máquinas enunciadoras.

Geram um discurso que nos atravessa, manipulam em nós impulsos cognitivos e afetivos, produzindo, portanto, subjetividades”. (GUATTARI, 1992)

Cidade, multiplicidades.

A cidade aqui é vista como um espaço múltiplice, onde se embatem as diferenças, lugar dos encontros e desencontros, constroem-se histórias, numa rede de memórias e significações e lugar de experimentação da alteridade no interior do qual novas subjetividades podem ser geradas. A multiplicidade é definida por Ítalo Calvino, como “método de conhecimento e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas e entre as coisas do mundo.” (CALVINO, 1990 p. 121)

São muitas as experiências de intervenções urbanas realizadas no tempo presente que se proliferam de várias formas e em várias circunstâncias e possibilitam a intersecção entre artes e o exercício da interdisciplinaridade que supõe o exercício da intersubjetividade. Coletivos organizados no mundo inteiro se articulam através da intervenção urbana: *flashes mobs*¹, *mp3*, *da performance*, na construção plástica, os *stencils*, *o grafitti*, *cultura jamming*, *a mídia tática*, *mídia radical*, e ações táticas.

São estratégias de visibilidade silenciosa ou barulhenta de apropriação das cidades entupidas de carros que se deslocam a 100 por hora carregando uma só pessoa. Se Michel de Certeau afirma que o espaço é um lugar praticado, (1996, p. 202) ao caminhar pelo campus da universidade de sombrinhas talvez estivéssemos praticando o lugar, uma forma de explorar o cotidiano da universidade e construir um conhecimento crítico sobre os usos do espaço urbanos. Tanto em *Sombras que passeiam* como em *Lual no Bosque* estávamos praticando um lugar.

Estes desvios provocados pelas intervenções são como linhas de fuga. Se a cidade é um sistema em mutação com várias camadas de tempo e de espaço: “Conhecer a cidade significa, pois, acessar o emaranhado de relações que a constitui. Tais relações conectam visibilidades, enunciações, linhas de força e linhas de fuga”. (ALZAMORA, Geane, ALENCAR Renata 2009)

Devemos inventar nossas próprias linhas de fuga. Mesmo que para alguns indivíduos ou grupos nunca seja possível construí-las. Outros já as perderam. As linhas de fuga são

¹ Os *flash Mobs* são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público, para realizar determinada ação inusitada, previamente combinada, após o que, as pessoas se dispersam tão rapidamente quanto se reuniram. A expressão geralmente se aplica a reuniões organizadas através de e-mails ou dos meios de comunicação social

uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. (DELEUZE, GUATTARI, 2008)

Intervenção urbana, poéticas urbanas

Estas práticas coletivas de intervenção urbana interrompem o fluxo da padronização e do estigma, propõe outra forma de olhar e pensar sobre os espaços urbanos; instiga a participação e a convivência.

Com esta compreensão é possível perceber interconexões entre a cidade e as práticas artísticas heterogêneas formuladas dentro dos princípios da complexidade e da multiplicidade.

As situações criadas como intervenções estão no âmbito das experiências com práticas artísticas contemporâneas, que inclui artistas e não artistas e buscam por meio de processos colaborativos, também o exercício do estar junto. Para Deleuze: “Os processos são os devires, e estes não se julgam pelo resultado que os findaria, mas pela qualidade de seus cursos e pela potência de sua continuação”. (1992, p.183)

É na força das intersecções entre várias artes: cênicas, artes do corpo, visuais, plásticas, performances, música, entre outras, que esses coletivos se apropriam da cidade e compartilham sensibilidades. Essas propostas de relações com a cidade por meio de intervenções artísticas aproximam-se do pensamento de Hélio Oiticica o “*deslanchador de invenções*” na busca de conjugar arte e vida, pois seus processos têm como fundamento a concepção da Arte como experiência e a cidade como o lugar por excelência para os experimentos, que estimulam a apropriação crítica e inventiva destes tempos e espaços. Suely Rolnik observa que:

Todo ambiente sociocultural é feito de um conjunto dinâmico de universos. Tais universos afetam as subjetividades, traduzindo-se como sensações que mobilizam um investimento de desejo em diferentes graus de intensidade. Relações se estabelecem entre as várias sensações que vibram na subjetividade a cada momento, formando constelações de forças cambiantes. (ROLNIK, 1999)

Se para Duchamp: “A arte é um caminho que leva para regiões que o tempo e o espaço não regem” (apud GUATTARI, 1992 p. 129), essas vivências em coletivos propiciam outras formas de relação com o tempo e com o espaço que não as

obrigatórias e estandardizadas e estão no foco da arte relacional, uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, “mais que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado- dá conta de uma mudança radical dos objetivos culturais e estéticos culturais e políticos postos em jogo pela arte moderna.” (BORRIAUD, 2008, p. 13)

A arte relacional é “Uma forma de arte que parte da intersubjetividade e tem como tema central o estar junto.” (BORRIAUD 2008 p. 14) Poderíamos dizer que essas intervenções de certa forma são artes relacionais, pois criam espaços livres, durações cujo ritmo se opõe a vida cotidiana, favorecem o intercâmbio humano diferente das zonas de comunicação impostas. (BOURRIAUD, 2008 p. 16)

Neste projeto, a cidade é compreendida como uma rede, uma grande malha hipertextual, lugar do acontecimento e da experiência coletiva, espaço em movimento, mutante, que se configura e reconfigura de acordo com as ações dos sujeitos que nela habitam. Se “a cidade produz o destino da humanidade” com afirma Guattari (1992, p. 173), no caso da intervenção aqui apontada, os entrelaçamentos e as situações inusitadas provocadas pela ação de flunar de sombrinhas, podem tornar possível novas formas de apropriação da cidade e engendramento de novas singularidades.

Referências bibliográficas.

ALZAMORA, Geane, ALENCAR *Flashmob: reflexões preliminares sobre uma experiência em rede* <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19558-1.pdf>

BOURRIAUD, Nicolas *La estética relacional* Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo 2008.

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o próximo milênio*. Trad: Ivo Barroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles GUATARI, Felix – *Mil Platôs 3* Rio de Janeiro: Editora 34, 2008

DELEUZE, Gilles *O que é um dispositivo* <http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf>

FOUCAULT, Michel *Estética Literatura, Música e Cinema* Rio de Janeiro: Forense Universitária 2006

GUATTARI, Felix *Caosmose um novo paradigma estético* São Paulo, Editora 34 1992

JACQUES, Paola Berenstein *Apologia da Deriva*, escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002

.....*Corpografias urbanas* <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/Paola.pdf> Acesso em 12 /11/2013

LEFEBVRE, *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

PELBART, Peter Pal *Do niilismo à biopolítica* In *Subjetividades Contemporâneas desafios teóricos e metodológicos* LIMA, Araujo, FERREIRA Neto, João Leite, ARAGON, Luis Eduardo (organizadores) Curitiba: Editora CRV 2010.

SANTOS, Milton *A natureza do espaço* São Paulo: Editora Hucitec, 1996

ROLNIK, Suely *Novas figuras do caos mutações da subjetividade contemporânea*

Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências, org. Lucia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira. Face e Fapesp, São Paulo, 1999; pp. 206-21